

A CIVILIZAÇÃO PELO COMÉRCIO: UMA ANÁLISE DA RETÓRICA NO “DISCURSO SOBRE A PALAVRA BRAZIL” DE JOSÉ SILVESTRE REBELLO.

RAPHAEL SILVA FAGUNDES*

Resumo: Este artigo analisa as estratégias argumentativas encontradas no “Discurso sobre a palavra Brazil” escrito por José Silvestre Rebello para destacar a vocação comercial do país. Compreenderemos esse discurso como um ato de fala que buscava levar os ouvintes e leitores a defenderem uma perspectiva de nação ligada ao projeto político sustentado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, projeto esse vinculado aos interesses das elites econômicas comerciais e à política de centralização monárquica na corte e na figura do imperador D. Pedro II. Tendo a retórica como “chave de leitura”, analisaremos como o erudito em questão articula retoricamente a palavra “Brazil” para dar consistência a este projeto político de nação ao qual estava ligado.

Palavras-chave: IHGB. Retórica. Civilização. José Silvestre Rebello. Comércio.

Abstract: This article analyzes the argumentative strategies found in "Discourse on the word Brazil" written by José Silvestre Rebello to highlight the commercial purpose of the country. Understand that speech as a speech act that sought to bring listeners and readers to defend a perspective of nation linked to the political project supported by the Brazilian Historical and Geographical Institute, a project linked to the commercial interests of economic elites and the monarchical centralization policy in court and the emperor Dom Pedro II. Having rhetoric as "reading key", we will analyze how the scholar in question rhetorically articulates the word "Brazil" to give consistency to this political project of nation it was connected.

Keywords: IHGB. Retórica. Civilização. José Silvestre Rebello. Comércio.

Qual seria a função do Brasil no mundo civilizado? No século XIX, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB, se preocupou com esta questão, no entanto, a resposta dada por um dos membros da instituição não era nada inovadora, pois jamais poderia abalar a estrutura social e política reestabelecida após o Golpe da Maioridade, uma articulação palaciana-parlamentar que levou o jovem imperador D. Pedro II ao trono em 1840. O comércio foi visto por José Silvestre Rebello, grande ativista político da época, como o caminho privilegiado para o progresso e civilização do Brasil, e para dar consistência a esta ideia investiu em fortes argumentos que, longe de fragilizar as vigas de uma sociedade escravista baseada no latifúndio, buscava enrijecê-la.

Artigo recebido em 06 de julho de 2014 e aprovado para publicação em 11 de agosto de 2014.

*Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (raphaelsfagundes@yahoo.com.br).

A fundação do IHGB, em 1838, segundo a professora Lucia Maria Paschoal Guimarães, está relacionada à disputa política entre a “facção áulica”, liderada pelo ministro Aureliano de Sousa Coutinho, e o avanço do “regresso” encabeçado por Bernardo Pereira de Vasconcellos. Buscava-se um espaço aparentemente neutro para a volta dos áulicos ao poder.¹ A partir deste contexto, a associação de letrados investiu em um sólido projeto para a consolidação do Estado imperial centralizado na monarquia. Arno Wehling demonstra a importância do Instituto no processo de forjamento da unidade nacional por meio do “cultivo sistemático da memória nacional”.² Para criar uma ideia de nação coesa, pondo fim aos interesses provinciais causadores de conflitos, a elite cultural associada ao grêmio carioca, administra o passado, forja mitos nacionais e, como destacou Manoel Salgado Guimarães, fez deste espaço um reduto onde os debates sobre a construção da identidade nacional tornam-se legítimos.³

Não pretendemos aqui analisar a origem da palavra “Brazil”, mas sim averiguar o seu uso por José Silvestre Rebello, sócio-fundador do Instituto Histórico no estudo etimológico da palavra publicado entre 1839 e 1840 como uma estratégia retórica. O sentido que Rebello atribui ao nome dado ao Império estabelece um vínculo com o contexto político e cultural do qual, de forma contundente, o erudito retira os elementos úteis para construir uma imagem da nação equivalente aos interesses políticos e econômicos defendido pela “Casa da Memória Nacional”. Deste modo, é preciso perguntar como foi possível a realização deste ato de fala dentro daquele contexto? O que o erudito em questão tinha em mente ao desenvolver seu pensamento? Por que suas palavras adquiriram um determinado formato? Que meios o seu porta-voz lançou mão para dar a elas cor e sentido no mundo em que vivia?

O nosso objetivo é mostrar que a retórica, neste processo de geração e interação de ideias, age como um instrumento mediador entre o enunciado e as linguagens do ideário político, entre o ato de fala e o vocabulário normativo, dando voz ao sujeito e atribuindo aos seus atos um grande potencial de circulação. Quentin Skinner busca analisar como os ideólogos inovadores de uma dada época, preocupados em questionar a linguagem moral, adaptam esta linguagem aos seus próprios fins.⁴ É por este caminho que o historiador inglês apreende a retórica. Não há a mera reprodução da linguagem no enunciado, mas o fato de cada autor, a cada lance, valendo-se da habilidade retórica

¹ Cf. GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2011, p. 43.

² WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, pp. 33-34.

³ Cf. GUIMARÃES, Manoel Salgado. “A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil”. In: José Murilo de Carvalho. (org.). *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 103.

⁴ SKINNER, Quentin. *Visões da política*. Algés: DIFEL, 2005, p. 250.

em particular, agir no interior da linguagem com seu ato de fala. Assim os agentes se manifestam em meio à estrutura que os comportam.

Estamos na esteira das reflexões de John G. Pocock que define a história do discurso político como “também uma história da retórica”.⁵ Por isso, em nosso caso, não faremos a história de ideias ou de uma ideia, mas a história de pessoas argumentando sobre as ideias que defendem, o que nos leva a identificar no texto algo além dele mesmo: “quais são suas fontes, que noções quer desacreditar, satirizar ou repudiar, que visões pretende avançar, quem quer criticar etc.”⁶

Para estabelecer a conexão entre o seu ato de fala e a linguagem política que circulava no IHGB⁷, Rebello se aproveitou da disposição dos elementos que compunham o circuito cultural e político no qual estava inserido, trazendo à tona diversos aspectos em seu discurso que possibilitaram o seu enriquecimento por meio de uma retórica que visava dar grande força à tese que defendia. Os argumentos criados pelo orador, que ocupava a comissão de geografia na associação de letrados, davam um grande destaque para o ideal de civilização, ideal considerado peça chave na missão dos eruditos e que precisava se impor em meio a um cenário marcado pelos conflitos regionais como o modelo correto de “melhoramento social” da nação, apontando, assim, o caminho para o progresso.

Observando historicamente o conceito de civilização é possível apreendê-lo em um aspecto amplo e perceber seus desdobramentos. Lucien Febvre afirma que ele aparece na segunda metade do século XVIII e se expande pelo XIX através de duas noções: uma relacionada a agrupamentos humanos, no que tange a vida política, social e intelectual; e outra, ligada à ideia de progresso, articulada com o ideal iluminista, que buscava evidenciar algo de grande, belo, confortável e nobre, que desgarraria homens e mulheres do estigma de barbárie.⁸

Por sua vez, para o linguísta Émile Benveniste a palavra *civilização* teve uma aparição tardia ao mostrar que antes outros termos como *civiliser* e *civilisé* imperavam na língua francesa. Benveniste estuda o processo de formação daquela palavra através do seu relacionamento com o iluminismo. Com a ideia de progresso em vigor, o sufixo “ação” é incorporado às palavras para exprimir a ideia de movimento e de processo. Assim, aparecem palavras como *democratização*,

⁵ POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 67.

⁶ SKINNER, Quentin. “Quentin Skinner”. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas Faces da História*. São Paulo: UNESP, 2000, p. 330.

⁷ Neste período o IHGB estava sob forte influência do liberalismo-doutrinário francês que visava um projeto de modernização pautado nos ideias de François Guizot, Victor Cousin e Royer-Collard.

⁸ FEBVRE, Lucien. *Por une histoire à part entière*. Paris: Éditions de L'école des Hautes Études em Sciences Sociales, 1962, p. 482-483.

institucionalização, organização e outras.⁹ O vocábulo *civilização*, que tem sua aparição em 1757, fazia parte dessa atmosfera linguística pré-revolucionária. Benveniste aponta ainda outro elemento que irá complementar sua tese, assinalando que uma nova concepção de homem e sociedade passa a existir na segunda metade do século XVIII. A passagem da barbárie para um nível superior era vista, neste momento, como uma gradação universal, por meio de um lento processo de educação e refinamento. Desta forma, o termo estático *civilité* se torna inadequado para exprimir o que se queria dizer. A palavra *Civilização* passa a ser utilizada para destacar uma ideia de continuidade, movimento e, finalmente, ação.¹⁰

Portanto, a partir de meados dos setecentos, *civilização* torna-se um conceito adotado para designar o “abrandamento dos costumes, educação dos espíritos, desenvolvimento da polidez, cultura das artes e das ciências, crescimento do comércio e da indústria, aquisição das comodidades materiais de luxo”,¹¹ como assinala Jean Starobinski. Por conseguinte, desencadeou-se uma ideia antitética assimétrica em relação ao conceito de barbárie. Reinhart Koselleck nos mostra que os conceitos antitéticos assimétricos são aqueles que formulam uma oposição entre si. Por exemplo, o conceito de “heleno”, na Antiguidade Clássica, se opõe ao de “bárbaro”; o de “cristão” ao de “pagão” e assim por diante.¹² No entender de Adauto Novaes, “a simples evocação da palavra *civilização* remete, necessariamente, a seu outro, que é a barbárie. Pelo menos foi assim ao longo da história”.¹³ Um conceito é formulado para negar o conteúdo do outro, ou seja, bárbaro significa tudo aquilo que negativamente é *civilização*.

A composição retórica do discurso de José Silvestre Rebello

Os estudos citados acima são instrumentos extremamente úteis para analisar o objeto aqui investigado. A partir deles podemos pensar como o nosso protagonista relacionou a nação brasileira com tais elementos da *civilização*. Que estratégias retóricas usou para comprovar, com a palavra *Brazil*, a existência de uma nação civilizada nos trópicos propícia ao progresso? A vocação comercial do país é um destes elementos comprobatórios.

⁹ BENVENISTE, Émile. “Civilisation: contribution a l’histoire du mot”. In: *Hommage a Lucien Febvre: Éventail de l’histoire vivante*. Paris: Librairie Armand Colin, 1953, p. 50.

¹⁰ BENVENISTE, Émile. “Civilisation: contribution a l’histoire du mot”. In: *Hommage a Lucien Febvre: Éventail de l’histoire vivante*. Paris: Librairie Armand Colin, 1953, p. 51.

¹¹ STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 14.

¹² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 196.

¹³ NOVAES, Adauto. “Crepúsculo de uma civilização”. In: _____ (org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Cia das Letras, 2004, p. 10.

José Silvestre Rebello publica seu artigo, intitulado “Discurso sobre a palavra Brazil” em duas partes: uma em 1839 e a outra no ano seguinte. Sua posição social em meio ao cenário político do Império é um dos motivos pelos quais podemos compreender a importância que o autor atribuiu à economia no pensamento civilizador. Sócio fundador do IHGB, além de ser uma grande figura política, desde os tempos do Primeiro Reinado, possuía fortuna e pertencia às elites econômicas dos negociantes de *grosso trato* da praça do Rio de Janeiro. Portanto, é por meio deste ethos social que seu discurso é montado.

A palavra “Brazil”, segundo Rebello, para designar essas terras, aparece na documentação entre 1513 e 1530, mas que “era usada no mundo muitos anos antes da descoberta da América é fato evidente, como se vê nos documentos que vou citar”, complementa. Para lembrar que o termo “Brazil” não se resumia apenas a árvores e insetos¹⁴, mostra que ela estava no nome que se dava ao “carmin, com que as damas se aformoseavam já naquele tempo [século XVI]; assim o diz o *Diccionario da Academia Hispanhola*”. A palavra era usada em todo Mediterrâneo “para designar coisas que tinham ardência luminosa”. A primeira edição da *Encyclopedia Francaeza* observa *Braziller* como um verbo neutro, usado pelos navegantes para “designar uma espécie de luz que o mar emite, quando em certas noites cortam os navios”. Aqui vemos a alusão às Luzes: “Brazil” significa iluminar. O autor já começa a identificar o nome de sua pátria ao mundo moderno, marcado pelos ideais iluministas.

A função milenar do pau-brasil em diversas civilizações é dar brilho e esplendor ao nome da pátria. Por centenas de anos, a árvore encontrada em abundância neste território na época da chegada dos portugueses, foi comercializada da Ásia à Europa e, depois, da América ao Velho Mundo, fazendo parte da constituição econômica da história da humanidade. E, “se pois a Divina Providência quis que a palavra Brazil substituísse as de Terra de Santa Cruz e viesse a ser o nome do nosso Império, compete-nos a nós pelas nossas ações o fazer com que o Brasil preencha bem a face do mundo o que a palavra designa”. Assim, “devemos, pois fazer com que nos mercados externos apareçam vindos do Brasil numerosos produtos que sirvam para aviventar o comércio geral do universo”,¹⁵ destaca com entusiasmo Silvestre Rebello. A História serve de argumento científico, e a Divina Providência como argumento ideológico, que toca o ouvinte que compartilha dos princípios religiosos de Império protetor da religião católica apostólica romana. Fé e ciência

¹⁴ Segundo Rebello são esses insetos que dão a cor a árvore. Cf. REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, 3 ed, Tomo 1, 1908, p. 235 (1839). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1839t0001c.pdf>. Acesso: 15 de maio de 2011.

¹⁵ REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed, Tomo 1, Imprensa Nacional, 1908, pp 233-236. (1839). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1839t0001c.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2011.

estão juntas no processo de composição retórica. A missão do Brasil no mundo foi designada pelo próprio Deus e ela consiste em encher as outras nações de mercadorias.

Aqui precisamos fazer uma pausa para compreender a dimensão retórica do discurso em questão. Desde os antigos, esta técnica da linguagem é constituída por um *processo* e por um *produto*. O primeiro possui cinco etapas, que permite a sua criação e que citaremos utilizando a *Retórica à Herênio*:

O orador deve ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia. Invenção é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável; Disposição é a ordenação e distribuição dessas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar. Elocução é a acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção. Memória é a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição. Pronúncia é a moderação, com encanto, de voz, semblante e gesto.¹⁶

Segundo Roland Barthes a *Memoria* e o *Actio* (pronúncia) foram sacrificadas quando a retórica “não mais teve como objeto apenas os discursos falados [...], mas também, e depois quase exclusivamente, as ‘obras’ (escritas)”.¹⁷ As três primeiras são as mais importantes na construção de um argumento persuasivo. O discurso de Rebello é sustentado por uma pesquisa metódica na busca de provas documentais com a citação de dicionários e enciclopédias, onde encontramos a *invenção*. Aliás, este é um método bastante autêntico quando se trata do século XIX. A *disposição* se prende a um processo evolutivo mostrando a trajetória da palavra Brasil até chegar à missão dos trópicos no circuito mundial daquele instante, sendo alimentada, por sua vez, por diversas figuras de retórica. Em seguida temos a *elocução*. O discurso é apresentado através de um estilo pelo qual se destaca o que é honroso, amplificando um aspecto do real, tornando visível apenas a parte “digna de destaque”. Tudo que é glorioso e que está ligado à palavra “Brazil” é coletado por Rebello. Esse tipo de discurso valoriza o *logos*¹⁸, ou seja, exhibe um lustro das palavras destacando aspectos éticos e morais.¹⁹ Uma vez que o *logos* demonstra uma organização que se segue através da racionalidade discursiva e argumentativa, lança hipóteses pelas quais estimula a disposição nos ouvintes para aceitá-las e, por conseguinte, aderir-se a elas. Rebello, por meio de *provas*, descreve um mundo a sua maneira, e dá, com destreza, um caráter de veracidade ao seu ponto de vista.

¹⁶ *Retórica a Herênio*. Trad. e Int: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005, p. 55.

¹⁷ BARTHES, Roland. *A Aventura Semiológica*. Trad: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 49. É muito provável que os discursos das cerimônias aqui analisados possam ter se valido de uma memorização e de uma atuação do orador importantes para se atingir um fim persuasivo, entretanto, não podemos entrar em contato com essas questões.

¹⁸ Aristóteles apresenta as três “provas fornecidas pelo discurso”: “umas residem no caráter moral do orador [ethos]; outras, nas disposições que se criaram no ouvinte [pathos]; outras, no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar [logos]”. ARISTÓTELES. *Arte Retórica e poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d., p. 34.

¹⁹ Sobre o aspecto do *logos* ver MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Trad: António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 36.

Utilizando-se da coerência traçada e alimentada por um nível de organização adequado, a fala de Rebello pretendia chegar à instância suasória. Podemos encontrar nela argumento e conclusão, em uma estrutura linguística que possibilita engendrar um efeito de verdade.²⁰ Essa possibilidade é constatada pela lógica criada no discurso: se a palavra “Brazil”, desde muitos anos, estava ligada ao comércio, não faria sentido manter o nome e desfazer tal ligação, pois seria contraproducente.

Podemos encontrar outros elementos persuasivos no discurso de Rebello se entendermos a etimologia como um argumento retórico. Olivier Reboul é enfático nessa questão: “Recorrer à etimologia para definir o ‘verdadeiro’ sentido de uma palavra, na verdade, é um ato de poder pelo qual o orador impõe seu ‘sentido’, portanto seu ponto de vista, ao auditório”.²¹

De fato, é assim que Rebello age. Concede à palavra “Brazil” um grande poder semântico, enche-a de significados espetaculares (figuras) e, a tática de compará-la ao ideal de “iluminação” revela a força de sua facúndia. Constrói um sentido no qual o Brasil é por si só a “luz”. Esta palavra, por sua vez, tinha um significado primoroso nos oitocentos. Sua evocação era constante ao se referir às ideias de “progresso” e “civilização”, e nosso orador não deixou escapar esses clichês de sua época.

Esse relacionamento simbólico entre luz e civilização destacado na palavra “Brazil” ainda é encontrado na continuação do discurso de Rebello no ano seguinte. Desta vez com maior veemência destaca:

Ainda que até agora se não saiba com evidência de que língua veio a palavra Brasil, assim formada, é muito provável que é uma imitação do adjetivo *bradschita* da língua Sanscripta, por isso que esta língua foi a mais universal no meio dia da Ásia; e como d’ali veio o pau Brasil, com ele veio o nome; e como o adjetivo *Bradschita* significa luzente e brilhante, e cor encarnada, que se extrai do pau Brasil, é entre as cores a que mais brilha, segue-se que provavelmente foi desta palavra que se formou a palavra Brasil, o nome do nosso Império.²²

Outra civilização se põe à disposição para reforçar o argumento de Rebello. É porque a palavra “Brazil” designa a cor “que mais brilha” que o Império recebeu este nome.

Após observar os usos feitos por Rebello acerca do *processo* da retórica, nos cabe mostrar o *produto* de seu discurso. Este comporta quatro etapas: a primeira é o *exórdio*, que seria a porta de entrada do discurso; a segunda a *narração* que se preocupa em expor as fontes de forma adequada; em seguida vem a *argumentação*, desenvolvendo-se os argumentos por meio de provas discursivas;

²⁰ ARISTÓTELES. *Arte retórica e poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d., p. 32.

²¹ REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 118.

²² REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed. Tomo II, Imprensa Nacional, 1916, p. 640. (1840). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

e, por fim, a *conclusão*, momento em que se tem como meta levar o ouvinte à ação, persuadir de fato.²³ Estas partes são reveladas no discurso de Rebello, até se chegar ao seu objetivo: o de fazer com que seus contemporâneos contribuíssem para a posição do Brasil no mundo civilizado pelo comércio.

Vale fazer um comentário sobre o *ethos*, ou seja, a imagem que Rebello cria de si no momento de sua enunciação. Sabe-se que “não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si”,²⁴ no entanto, a “nova retórica”, desenvolvida por Chaim Perelman, separa este aspecto da argumentação cognitiva. Seguindo um caminho distinto do autor polonês, e recuperando a retórica de Aristóteles, entendemos que é possível uma “prova pelo ethos” fundada na inferência.²⁵ Segundo constata Marcelo Dascal, o *ethos* pode levar a uma persuasão pragmática que um argumento lógico e conclusivo não levaria por si só. É por isso que a postura adotada pelo argumentador, ao enunciar algo, age diretamente no processo persuasivo.

Conforme já foi assinalado, Silvestre Rebello era de uma família de negociantes bem sucedida na Praça do Rio de Janeiro, um aspecto que lhe dava credibilidade ao falar sobre o comércio e os possíveis ganhos que ele poderia trazer. É como afirma Ruth Amossy: a *construção da enunciação e do discurso e a dimensão social do ethos discursivo* agem juntas para a eficácia da palavra. Ou seja, os elementos usados para se chegar à persuasão não estão apenas na esquematização do argumento no texto (como acreditavam os antigos), mas na posição do sujeito no campo social que habita.²⁶ De acordo com Giani David Silva, “há então, ao mesmo tempo, condições extradiscursivas e realizações intradiscursivas cuja relação intrínseca produz o sentido”.²⁷

Silvestre Rebello apresenta-se, assim, iluminado por um *ethos* social e discursivo, revelando-se como um grande patriota que, por ser comerciante, já estava contribuindo para a glória da nação e para a marcha que a levaria ao apogeu da civilização. Não é qualquer um que se pronunciava sobre a missão de introduzir o Brasil no mercado mundial, mas sim uma pessoa que possuía gabarito para tal. O *ethos* social tem sua parte no processo argumentativo e dele emana um

²³ PLANTIN, Christian. “Retórica”. trad: Nilton Milanez. In: CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. (orgs.). *Dicionário de análise do discurso*. Trad: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004, p. 434.

²⁴ CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso político*. Trad: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006, p. 86.

²⁵ DASCAL, Marcelo. “O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica”. In: AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso*. Trad: Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 58.

²⁶ AMOSSY, Ruth. “O ethos na interação das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos”. In: AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso*. Trad: Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 137.

²⁷ SILVA, Giani David. “A emoção como elemento constitutivo do discurso de informação televisiva”. In: MACHADO, Ida Lucia, MENEZES, William e MENDES, Emília. (orgs.). *As emoções no discurso*. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 131.

poder decisório para a eficácia do discurso e, o IHGB, ao dar a palavra a José Silvestre Rebello, sabia muito bem disso.

O comércio, religião e civilização

No “programa histórico” intitulado “O Instituto Histórico Brasileiro é o representante das ideias de Ilustração, que em diferentes épocas se manifestaram neste continente”, o visconde de São Leopoldo, presidente do grêmio carioca, após destacar a exuberante natureza brasileira, dá ainda mais força aos argumentos de Silvestre Rebello, afirmando que o Brasil estava posicionado “no ponto geográfico o mais vantajoso para o Comércio do universo”.²⁸ Um fenômeno natural que atraía as nações que, em busca do lucro, nos trariam a civilização. Outro interesse que nossa natureza despertava nos estrangeiros era o conhecimento científico, daí conclui o visconde: “tudo, enfim, pressagia que o Brasil é destinado a ser, não acidentalmente, mas, de necessidade, um centro de luzes e civilização, e o árbitro da política do Novo Mundo”.²⁹

No discurso de Rebello comércio e civilização acompanhavam a palavra “Brazil”, já que “artigos próprios para tintas”, oriundos da planta milenar, atravessavam o Mediterrâneo, berço da civilização ocidental. Independente do nome, “Coccus, assim chamados pelos Gregos; Purpurissam e Hyginus pelos Romanos; e Kermes pelos Árabes”³⁰, sempre havia uma massa de tinta extraída do pau-brasil. No Golfo Pérsico, ou no Cairo, ou em Alexandria, ou em algum lugar da Ásia Menor, a cor luzente extraída do pau-brasil marcava presença. Segundo Rebello, baseado nos escritos do erudito grego Dioscorides, a cor púrpura (proveniente do pau-brasil) e a cor anil são provenientes da Índia. Chega-se a conclusão de que o comércio de pau-brasil sempre fez parte da civilização.

O fato de o IHGB ter sido criado sob os auspícios da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) também era significativo para a construção desses discursos voltados para a civilização a partir de ganhos materiais. O reduto de letrados emergiu dos interesses de promover o progresso econômico do país. Constatava-se que, para isso, seria necessário conhecer o território e as particularidades históricas de cada região.³¹ Daí surge à ideia de se fundar uma agremiação

²⁸ SÃO LEOPOLDO, Visconde de. “O Instituto Histórico Brasileiro é o representante das ideias de Ilustração, que em diferentes épocas se manifestaram neste continente”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 1, 1856, p. 61. (1839). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1839t0001c.pdf>. Acesso em 15 de jul, /2011.

²⁹ SÃO LEOPOLDO, Visconde de. “O Instituto Histórico Brasileiro é o representante das ideias de Ilustração, que em diferentes épocas se manifestaram neste continente”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 1, 1856, p. 62. (1839). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1839t0001c.pdf>. Acesso em 15 de jul, /2011.

³⁰ REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed, Tomo 1, Imprensa Nacional, 1908, p. 235. (1839). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1839t0001c.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2011.

³¹ SILVA, José Luiz Werneck da. “A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, matriz do Instituto Histórico”. In: WEHLING, Arno. (coord.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: ideias filosóficas e sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, p. 16.

dedicada à história e à geografia nacionais por dois de seus membros, Januário da Cunha Barbosa e Raimundo José da Cunha Mattos, elegendo para liderá-la, o vice-presidente da SAIN, o visconde de São Leopoldo.

Não obstante, é oportuno salientar, que a gestão do Império estava ligada aos grupos poderosos dos negociantes de *grosso trato* (onde se encaixa Rebello). Cecília Helena de Salles Oliveira, seguindo os estudos de Alcir Lenharo, revela que as bases sociais do Segundo Reinado voltaram a ser as mesmas do Primeiro Reinado: basicamente os negociantes fluminenses aliados aos burocratas.³² Os argumentos voltados para o progresso deveriam incluir esses grupos de poder, conectando-os à lógica da política de consolidação do Estado imperial, protetor e unificador do mercado.³³

O visconde de São Leopoldo, em discurso pronunciado em 1839, na primeira sessão magna de aniversário do Instituto, demonstra como a civilização chegou aos trópicos:

De além mar partiram sem dúvida os primeiros navegantes; conquistadores, nos primitivos tempos foram os primeiros viajantes; mercadores audazes os primeiros exploradores; úteis cruzadas, aqueles com a espada, estes com o caducou em punho, trouxeram melhoramento social: assim a civilização brotou do comércio e da guerra.³⁴

Os portugueses em guerra com os povos nativos trouxeram a civilização, porque com eles chega em solo tropical o comércio. A barbárie vingaria nestas terras se não fossem aqueles “primeiros viajantes”, é o que destaca São Leopoldo. Chamar esses conflitos e o processo de contato entre portugueses e nativos de “úteis cruzadas” fortificava ainda mais o discurso, pois lhe atribuía um caráter religioso. Os portugueses são apresentados como salvadores que resgataram os índios do estado desumano, trazendo, assim, o “melhoramento social”.

Januário da Cunha Barbosa, secretário perpétuo do Instituto, em um artigo publicado no mesmo ano do discurso de Rebello, destacou a catequese como a melhor forma para civilizar “os nossos bárbaros”, mas, não deixa de salientar as vantagens que esse projeto civilizador teria se fosse possível desenvolver nos indígenas o interesse por mercadorias. Seria necessário, na visão do cônego, que os nativos apreciassem “certos objetos, que desejariam possuir em mais abundância”,

³² OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. “Contribuição ao estudo do poder moderador”. In: _____, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib e COSTA, Wilma Peres (orgs.). *Soberania e conflito: configuração do Estado nacional no Brasil do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 2009, p. 209.

³³ OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. “Contribuição ao estudo do poder moderador”. In: _____, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib e COSTA, Wilma Peres (orgs.). *Soberania e conflito: configuração do Estado nacional no Brasil do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 2009, p. 210.

³⁴ SÃO LEOPOLDO, Visconde de. “Discurso do presidente”. *R.IHGB* Rio de Janeiro, 3 ed, Tomo I, Imprensa Nacional, 1908, pp. 210-211. (1839). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1839t0001c.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

pois o “espírito comercial, ou troca não é tão alheio deles”, “o comércio”, complementa Cunha Barbosa, “tem sido em todos os tempos um poderosíssimo instrumento da civilização dos povos”.³⁵

Como foi possível ver até aqui, a Providência não ficava de fora dos discursos, pois, citando-a, as palavras passam a carregar uma maior potência, já que apesar do tempo ser de luzes, do culto ao científico, o Império jamais deixou de simbolizar o sagrado em sua substância. A religião ao lado dos ideais iluministas era um elemento fundamental para a promoção da civilização.

Deste modo, assim como Cunha Barbosa defendia a catequese como forma de salvar os índios, Silvestre Rebello, defende a ideia de que o próprio termo “Brazil” carregava a missão de proteger a religião cristã e a civilização, ambas nascidas no Oriente:

Sendo a palavra Brasil Asiática, e sendo daquela parte do mundo que aos homens vieram os princípios da religião e da civilização, é claro que a nós Brasileiros trouxe a palavra obrigações, que devemos cuidadosamente preencher, isto é, devemos habilitar-nos para concorrer na civilização do gênero humano.³⁶

Assim Rebello conduz o seu discurso para engendrar um sentido sagrado condensado na palavra “Brazil”, aspecto fundamental em uma comunidade erudita de praticantes católicos como eram as fileiras do Instituto Histórico: “A Ásia tem sido a civilizadora do mundo. Asiática era a família de Moisés; e ainda que ele nasceu no vizinho Egito, todos sabemos que seus pais descendiam dos filhos de Jacob, neto de Abraão, tronco dos Judeus, oriundo d’Ásia”.³⁷

O nome do Império era oriundo da Ásia, por isso sagrado. Busca-se a persuasão aqui pelo raciocínio lógico. Na época acreditava-se que a religião era o motor das civilizações, não só a cristã, mas qualquer uma. Entendia-se que as principais religiões do mundo eram oriundas do continente asiático. O budismo, o lamismo, o Zoroastro dos persas, a religião de Odin, mas uma era a principal e , por sua vez, levou o homem ao avanço material e espiritual, “a Religião do Filho de Deus, que tem elevado a Europa a um grau de civilização, que a põe em estado de dar leis, e de felicitar o resto

³⁵ BARBOSA, Januário da Cunha. “Qual seria hoje o melhor systema de colonisar os Indios entranhados em nossos sertões; se conviria seguir o systema dos Jesuítas, fundando principalmente na propagação do Christianismo, ou se outro do qual só esperam melhores resultados do que os actuais”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo segundo, 3 ed, pp. 03-18, 1916, pp. 16-17. (1840). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2011.

³⁶ REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed. Tomo II, Imprensa Nacional, 1916, p. 640. (1840). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

³⁷ REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed. Tomo II, Imprensa Nacional, 1916, p. 640. (1840). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

do globo”.³⁸ Este aspecto religioso da eloquência, de atribuição ao sagrado como prova argumentativa, poderia ser considerado uma das permanências do antigo modelo retórico jesuítico, se não fosse arrancado dele o aspecto profético.

Deste modo, Rebello foi além do pau-brasil para dar sentido sagrado à palavra “Brazil”. No período medieval, havia uma cinta que se chamava *Bracile* e *Brachile*, que “servia para abraçar os hábitos do corpo”³⁹, ou seja, impediria os padres de serem consumidos pelos impulsos terrenos, sexuais, dando maior vigor aos votos espirituais ao combater fenômenos fisiológicos como a ereção. A palavra, deste modo, carrega a ideia de controle sobre as vontades individuais, aspecto fundamental para uma nação progredir segundo a posição do Instituto Histórico na defesa da monarquia constitucional centralizada.

A ideia de que a religião civiliza estava de acordo com os argumentos criados no próprio circuito europeu. Segundo Jean Starobinski, em 1756, Mirabeau afirma que a religião tornou a civilização possível: “a religião, longe de ser excluída pelas ‘virtudes sociais’ ou pela ‘moral natural’, é considerada por Mirabeau como o ‘principal móvel’ da *civilização*, ela mesma assimilada à sociabilidade”.⁴⁰ O *Dicionário Universal* (Trévoux) de 1771 descreve que “a religião é incontestavelmente o primeiro e o mais útil freio da humanidade; é o primeiro móvel da civilização”,⁴¹ porque liberta os instintos humanos da barbárie, da violência, e de outros costumes tidos como rudimentares.

Não é a toa que o princípio religioso marca presença na retórica dos eruditos da Casa de forma constante. Questionam, em determinados momentos, até os sábios de outrora, os grandes pensadores gregos e romanos, por estes não serem iluminados pela graça divina. São Leopoldo afirma em seu discurso de abertura da terceira sessão magna de aniversário do Instituto, em 1841, que se os antigos tivessem um “sistema de associações literárias” protegido por um soberano como o nosso, ou melhor, um monarca escolhido pela Providência, seriam ainda mais virtuosos. Horácio riscaria as obscenidades de seus versos e Cícero teria “suprimido” as lições de ateísmo de suas máximas.

³⁸ REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed. Tomo II, Imprensa Nacional, 1916, p. 640. (1840). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

³⁹ REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra Brasil”. *R.IHGB* Rio de Janeiro, 3 ed, Tomo I, Imprensa Nacional, 1908, p. 234. (1839). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1839t0001c.pdf>. Acesso: 10 de março de 2011.

⁴⁰ apud STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 14.

⁴¹ STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 12.

Se fosse conhecido dos antigos esse nosso sistema de associações literárias, se florescessem em Roma academias, Horácio, para não poluir a sisuda companhia do seu amigo Virgílio, de boamente riscaria de seus versos algumas obscenidades; Lucrecio, para não desmerecer a honra de cônsulo de Cícero, só haveria conservado no seu poema traços os sublimes, com que se mostra tão grande pintor, e teria suprimido aqueles, nos quais em frios versos prosaicos dá lições de ateísmo: isto é, nos quais se esforça por tirar o freio ao perverso, que triunfa, e a consolação ao virtuoso infeliz.⁴²

O cônego Joaquim Pereira dos Reis comparou D. Pedro I a Moisés em uma oração feita em 7 de setembro de 1830 na igreja paroquial de N. Senhora da Candelária, mostrando que o primeiro havia nos dado “uma constituição benigna, afável e tão generosa como essa primeira constituição do mundo, dada em duas tábuas ao fiel Moisés”.⁴³ D. Pedro I, foi, em outro momento, comparado ao Pedro fundador da Igreja Romana, pelo Major Bellegarde, em uma deputação enviada ao imperador D. Pedro II⁴⁴ para cumprimentá-lo pelo fato do Golpe da Maioridade:

Senhor! Contarão os antigos romanos, esse povo rei, as suas eras da fundação daquele império dominador do antigo mundo, e da cidade a que a grande duração e esplendor tem dado título a dominação de Cidade Eterna; e se um Pedro foi a pedra fundamental de sua maior e perene grandeza, outro Pedro, o Augusto Pai de V. M. I., deu novos braços e glória à Terra de Santa Cruz.⁴⁵

São os signos da nação misturando-se aos signos sagrados, por meio de um esquema em que os signos da nação tornam-se sagrados. Assim como a Europa tem suas origens religiosas na Ásia, nós teríamos, além da religião, os indígenas, que de lá vieram com a missão imposta pela Divina Providência “de civilizar o resto da terra”. Assim os “Brasileiros Asiáticos” (modo como chama todos os brasileiros de seu tempo) estavam fadados a civilizar os “homens ainda embrutecidos” espalhados por diversas partes do mundo:

Temos pois nós os Brasileiros Asiáticos pelo nome, que concorrer para civilizar a Leste da África quase toda por ora selvagem; ao Sul os Patagões no mesmo mísero estado, ao Oeste inumeráveis ilhas habitadas por homens ainda embrutecidos; e a Les-Nordeste a mesma

⁴² SÃO LEOPOLDO, Visconde de. “Discurso de abertura”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo III, Tipografia de D. L. dos Santos, 1841, p. 519-521. Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1841t0003c.pdf>. Acesso em: 13 de junho de 2011.

⁴³ apud KRAAY, Hendrik. “Nação, Estado e política popular no Rio de Janeiro: rituais cívicos depois da Independência”. In: PAMPLONA, Marco A. e DOYLE, Don H. (orgs.) *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação de Estados-nação no século XIX*. Trad: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 339.

⁴⁴ Era comum o IHGB enviar deputações para cumprimentar o Imperador D. Pedro II em datas chaves da política imperial. Uma discussão aprofundada desta atividade se encontra em FAGUNDES, Raphael Silva. *O poder da persuasão: a retórica nas celebrações do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1850)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2012, pp. 115-123.

⁴⁵ 47ª sessão em 18 de Setembro de 1840. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed. Tomo II, Imprensa Nacional, 1916, p. 429. (1840). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

Ásia meridional, em grande parte necessitada de ideias religiosas mais conformes à razão, e aos seus princípios de uma moral salvadora.⁴⁶

O Brasil dos anos de 1840 era o país que mais escravos tinha: 49% da população da corte estava sob o jugo dos grilhões. Não há como ler esse discurso de Rebello sem captar o ângulo de um homem que defendia a alta produção de mercadorias brasileiras sobre o infame comércio de almas africanas. Nesta mesma situação, o orador se aproveita do seu cargo na comissão de geografia do IHGB para lhe dar certeza ao que dizia. As diversas regiões do globo citadas por Rebello tem a intenção de evidenciar o seu conhecimento na área, o que emanaria um efeito de verdade, já que era um especialista no assunto. Escolheu de acordo com os seus interesses as partes do mundo que precisavam ser “civilizadas”, estabelecendo uma conexão entre as exigências produtivas e comerciais do país com o seu lugar em meio aos letrados do Instituto.

A Ásia trouxe uma obrigação ao nosso Império que a nação deveria cumprir, mas a melhor forma para isto era a prática comercial. “Com a civilização levaremos ao mundo as nossas riquezas naturais”.⁴⁷ É na exploração da nossa natureza e do envio dos recursos naturais encontrados nos trópicos para fora que consiste a missão civilizadora do Brasil. Mais ou menos parecido com o que Caio Prado Júnior denomina como o “sentido da colonização” no clássico dos anos 1940, *Formação do Brasil contemporâneo*.⁴⁸

Outros fenômenos discursivos podem ser apreendidos no pronunciamento de Silvestre Rebello. Quando nos debruçamos na continuação de seu discurso no ano de 1840, o mesmo inicia com um estilo retórico baseado em um dos ensinamentos da *Retórica à Herênio*: uma retórica “baseada em nossa pessoa”: “Na sessão pública do ano passado do nosso Instituto Histórico tive eu a honra de ler uma memória sobre a palavra Brasil, a qual foi acolhida com bondade e aprovação maiores do que seu merecimento”.⁴⁹ Deste os antigos acredita-se que o exórdio, a porta de entrada do discurso, é o momento em que se “dispõe o ânimo do ouvinte”.⁵⁰ É nesse instante que se deve usar de argumentos para prender a atenção do auditório, torná-lo benevolente, no entanto, baseados

⁴⁶ REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed. Tomo II, Imprensa Nacional, 1916, p. 641. (1840). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

⁴⁷ REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed. Tomo II, Imprensa Nacional, 1916, p. 641. (1840). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

⁴⁸ JÚNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil contemporâneo*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.

⁴⁹ REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra ‘Brazil’”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed. Tomo II, Imprensa Nacional, 1916, p. 636. (1840). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

⁵⁰ *Retórica a Herênio*. Trad. e Int: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005, p. 57.

“em nossa pessoa, obteremos benevolência se louvamos nosso ofício sem arrogância”,⁵¹ e se “também declararmos nossas desvantagens, desgraças, desamparo, desventura e rogarmos que nos venham em auxílio, dizendo que não queremos depositar nossas esperanças em outrem”.⁵² Por um lado, o nosso orador oitocentista mostra-se humilde por meio de uma imagem de desmerecimento, mas o IHGB lhe deu espaço para falar, foi um auxílio às suas convicções. Rebello cria, deste modo, a imagem de uma instituição benéfica que abre espaço para novas ideias.

Este era um fenômeno muito comum nos discursos da Casa da Memória Nacional. O encontramos em Aureliano de Souza Coutinho, quando no cargo de vice-presidente do Instituto, ao pronunciar o discurso que abria as sessões magnas de aniversário da instituição em 1840 perante D. Pedro II:

Feliz de mim se possuísse a eloquência dos Cíceros e Demosthenes para poder falar um assunto tão nobre, tão elevado, e tão justo, perante um jovem Príncipe já tão grande pelo amor que consagra as Letras e Ciências! Revela, porém minha debilidade a própria grandeza do objeto.⁵³

Aureliano se fez pequeno perante o Imperador, pois, por meio de uma estratégia argumentativa, sabia que se diminuindo ergueria a pompa do alvo de seu discurso: Sua Majestade Imperial. Disto se valerá também o visconde de São Leopoldo, referindo-se ao fato de o terem escolhido para liderar o reduto letrado: “De minha parte, pobre de merecimento para corresponder tão grandiosa escolha”.⁵⁴

Todos estes aspectos retóricos analisados no discurso de Rebello tinha apenas um fim: comprovar que o Brasil estaria apto a fazer parte do mundo civilizado do século XIX, e que sua função nesse mundo era comercial, favorecendo toda uma elite econômica que se encontrava nas bases do Segundo Reinado. Para tal, usou diversos elementos culturais e políticos compartilhados entre os ouvintes que faziam parte daquela troca comunicativa. A religião entrelaçada com o ideal de civilização foi o principal foco, mas o orador também se valeu da História como base de comprovação já que a mercadoria (pau-brasil) que deu origem ao nome do Império marca presença em vários momentos da caminhada humana rumo ao progresso.

Conclusão

⁵¹ *Retórica a Herênio*. Trad. e Int: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005, p. 59.

⁵² *Retórica a Herênio*. Trad. e Int: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005, p. 59.

⁵³ COUTINHO, Aureliano de Souza e Oliveira. “Discurso de abertura”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Terceira Edição, Tomo II, pp. 574-582, 1916 (1840), p. 576. Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>. Acesso em: 13 de outubro de 2011.

⁵⁴ SÃO LEOPOLDO, Visconde de. “Discurso de abertura”. *R.IHGB* Rio de Janeiro, 3 ed, Tomo I, Imprensa Nacional, 1908. p. 209. (1839). Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1839t0001c.pdf>. Acesso: 10 de março de 2011.

Desta forma, podemos entrar em contato com uma série de estratégias argumentativas que se vale de uma vastidão de detalhes que atraem os ouvintes para a compreensão do que se quer defender no conjunto do discurso.⁵⁵ Diversos outros temas são abordados ao redor do comércio de forma intencional como reforço argumentativo. É como um mosaico, onde diversas peças são encaixadas para formar uma grande imagem. Deparamo-nos ao longo desta análise com fenômenos que tornaram o discurso muito mais sensível. Quando o orador se aproveita dos diversos recursos que se encontravam no mundo em que estava inserido, colocando-os de forma organizada na exposição de seus argumentos, ele toca o ouvinte, criando um reconhecimento no qual permitiu com que o auditório se visse representado naquelas palavras, facilitando o processo de inclinação dos receptores à mensagem. Por isso um bom orador, segundo Cícero, deve ter o conhecimento “das leis, dos costumes, do direito, e sem compreender a natureza e o caráter dos homens”.⁵⁶ Valendo-se, assim, desta questão e de uma estética linguística muito comum naquele instante, Rebello defende seu posicionamento com grande destreza, um posicionamento que ainda hoje possui ecos no pensamento econômico brasileiro.

Enfim, a nossa pretensão nessa oportunidade foi pôr em prática o caminho aberto por José Murilo de Carvalho, ao entender a “retórica como chave de leitura” para a interpretação da história política e intelectual do século XIX.⁵⁷ O intercâmbio que essa perspectiva de análise estabelece com outras áreas permite ampliar os horizontes da historiografia, permitindo-nos revisar temas considerados desgastados, como é o caso do próprio IHGB, que foi submetido a diversas análises desde os oitocentos. No entanto, se destacarmos a retórica como carro chefe de uma investigação, muito se tem a descobrir, provando que o conhecimento que temos sobre algo jamais poderá ser acabado.

Referências Bibliográficas:

Fontes Primárias:

BARBOSA, Januário da Cunha. “Qual seria hoje o melhor systema de colonisar os Indios entranhados em nossos sertões; se conviria seguir o systema dos Jesuítas, fundando principalmente na propagação do Christianismo, ou se outro do qual só esperam melhores resultados do que os actuais”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo segundo, 3 ed, pp. 03-18, 1916. pp. 16-17. (1840).

⁵⁵ Está reflexão está baseada no que Roland Barthes chama de óbvio (sentido do conjunto) e o obtuso (sentido do detalhe). BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música*. Trad: Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 124.

⁵⁶ CÍCERO, Marco Tulio. *Do orador*. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I,9,235*. São Paulo: USP, 2009. (Tese de Doutorado), pp. 155-6.

⁵⁷ CARVALHO, José Murilo de. “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 123-152, 2000.

REBELLO, José Silvestre. “Discurso sobre a palavra Brasil”. *R.IHGB* Rio de Janeiro, 3 ed, Tomo I, Imprensa Nacional, 1908. p. 234. (1839).

SÃO LEOPOLDO, Visconde de. “Discurso de abertura”. *R.IHGB* Rio de Janeiro, 3 ed, Tomo I, Imprensa Nacional, 1908. p. 209. (1839).

SÃO LEOPOLDO, Visconde de. “O Instituto Histórico Brasileiro é o representante das ideias de Ilustração, que em diferentes épocas se manifestaram neste continente”. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 1, 1856.

Livros:

ARISTÓTELES. *Arte retórica e poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

BARTHES, Roland. *A Aventura semiológica*. Trad: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música*. Trad: Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CÍCERO, Marco Tulio. *Do orador*. In: SCATOLIN, Adriano. *A Invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I,9,235*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2009.

CHARAHDEAU, Patrick. *O Discurso político*. Trad: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MEYER, Michel. *Questões de Retórica: linguagem, razão e sedução*. Trad: António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. Trad: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Retórica a Herênio. Trad. e Int: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

SKINNER, Quentin. *Visões da política*. Algés: DIFEL, 2005.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Capítulos de livros:

AMOSSY, Ruth. O ethos na interação das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____. (org.). *Imagens de Si no Discurso*. Trad: Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

BENVENISTE, Émile. “Civilisation: contribution a l’histoire du mot”. In: *Hommage a Lucien Febvre: Éventail de L’histoire Vivante*. Paris: Librairie Armand Colin, 1953.

DASCAL, Marcelo. O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. In: AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de Si no Discurso*. Trad: Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

FEBVRE, Lucien. *Por une histoire à part entière*. Paris: Éditions de L’école des Hautes Études em Sciences Sociales, 1962.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: José Murilo de Carvalho. (org.). *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JÚNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.

KRAAY, Hendrik. Nação, Estado e política popular no Rio de Janeiro: rituais cívicos depois da Independência. In: PAMPLONA, Marco A. e DOYLE, Don H. (orgs.) *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação de Estados-nação no século XIX*. Trad: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NOVAES, Adauto. Crepúsculo de uma civilização. In: _____. (org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Contribuição ao estudo do poder moderador. In: _____, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib e COSTA, Wilma Peres (orgs.). *Soberania e conflito: configuração do Estado nacional no Brasil do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 2009.

PLANTIN, Christian. Retórica. trad: Nílton Milanez. In: CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. (orgs.). *Dicionário de análise do discurso*. Trad: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, José Luiz Werneck da. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, matriz do Instituto Histórico. In: WEHLING, Arno. (coord.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: ideias filosóficas e sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989.

SKINNER, Quentin. Quentin Skinner. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas Faces da História*. São Paulo: UNESP, 2000.

Artigos em periódicos:

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 123-152, 2000.

Teses e dissertações:

FAGUNDES, Raphael Silva. *O poder da persuasão: a retórica nas celebrações do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1850)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.